

***ETHOS* REFLETIDO E *ETHOS* VALIDADO: UMA POSSIBILIDADE DE DESLOCAMENTO TEÓRICO DO *ETHOS* DISCURSIVO?**

Paula Camila Mesti¹

Resumo: Seguindo os ensinamentos de Maingueneau (2010), o *ethos* também pode ser construído a partir das fotos que, inevitavelmente, levam o destinatário a construir um *ethos*. Partindo-se desta afirmação e observando um corpus de análise constituído por três entrevistas televisivas feitas com as presidentas sul-americanas, o presente artigo tem como seu ponto de partida a seguinte inquietação: é possível construir um mecanismo discursivo que demonstre o processo de incorporação de *ethé* construídos em enunciados realizados por enunciadadores entrevistadores? Na busca de uma resposta para essa indagação, este texto teve como objetivo apresentar uma nova possibilidade de análise discursiva do *ethos*, bem como demonstrar como o mecanismo discursivo coloca em funcionamento o *ethos* refletido e o *ethos* validado. Ao se inscrever no arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha francesa, este texto se apresenta como proposta que não pretendeu substituir ou negar as teorias anteriores, mas ampliá-las devido às coerções do gênero discursivo em análise.

Palavras-chave: *ethos* refletido; *ethos* discursivo; ampliação teórico-metodológica.

Abstract: Following the teachings of Maingueneau (2010), the *ethos* can also be built from photos that will inevitably lead the recipient to build an *ethos*. Starting from this statement, according to a corpus of analysis consists of three television interviews with the South American presidents, this article has its starting point the following concerns: it is possible to construct a discursive mechanism that demonstrates the process of incorporation of *ethé* constructed in statements made by interviewers enunciators? In search of an answer to this question, this text aims to present a new possibility for discursive analysis of *ethos* as well as demonstrate how the discursive mechanism puts into operation the *ethos* reflected and the *ethos* validated. By entering the theoretical framework of Discourse Analysis of French line, this text is presented as a proposal not intended to replace or negate previous theories, but extend it due to the constraints of the discursive genre analysis.

Keywords: *ethos* reflected; discursive *ethos*; theoretical and methodological expansion.

Primeiras considerações

“Sim, a mulher pode” – este enunciado foi produzido pela presidenta Dilma Rousseff em seu primeiro pronunciamento após sua vitória nas urnas presidenciais brasileiras em 2010. Pode-se afirmar que ele é a síntese das mudanças econômicas, sociais, culturais e políticas que ocorreram e ainda estão em estado de latência em muitos países. Na política, a entrada da mulher e a conquista do seu espaço foram tardias, somente a partir dos anos 60 é que elas começaram a marcar presença na arena política. Entretanto, a luta das mulheres por igualdades sociais, por paridade política, por desejo de mudanças já ocasionou o princípio de uma transformação social, um começo de uma metamorfose nas ideologias arcaicas que valorizavam a supremacia do homem em detrimento da representação feminina. Foram tantas

¹ Doutoranda da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), bolsista FAPESP Processo no. 2013/12814-2.

mudanças que hoje na América do Sul, por exemplo, líderes mulheres ocupam o cargo mais elevado em uma democracia. São essas transformações sociais, juntamente com o arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha francesa que propiciaram a elaboração de um projeto de doutorado que visa identificar e demonstrar em que medida a presença de um universo feminino (re)produzido nos discursos das presidentas sul-americanas engendra um novo tipo de discurso político.

Como a pesquisa ainda está sendo desenvolvida, este artigo apresentará análises iniciais do trabalho, portanto, fez-se um recorte no *corpus* pré-selecionado, utilizando-se para esta empreitada apenas três entrevistas televisivas feitas com as presidentas Michelle Bachelet (Chile), Cristina de Kirchner (Argentina) e Dilma Rousseff (Brasil). Desta maneira, a partir do conhecimento que está sendo constituído, da reflexão sobre o *ethos* discursivo e pré-discursivo, da observação do arquivo que compõe o *corpus* de análise deste artigo e das características específicas do gênero discursivo *entrevista televisiva*, o presente artigo tem o objetivo de apresentar uma nova possibilidade de análise discursiva do *ethos*, demonstrando que o ele pode ser legitimado extradiscursivamente.

Para que esse objetivo fosse alcançado, este texto foi organizado em três momentos diferentes: a) descrição e explicação do que é *ethos* discursivo sob o prisma de Maingueneau; b) apresentação do mecanismo discursivo de incorporação de *ethos refletido*, e d) exposição de análises de fragmentos de entrevistas que demonstram o processo discursivo do *ethos refletido* e do *ethos* discursivo.

É possível antecipar que algumas conquistas teóricas foram realizadas neste artigo, por exemplo, a proposta, o desenvolvimento e a aplicação da noção de *ethos refletido* – que seria a imagem do *enunciador entrevistado* (sujeito político) construída no discurso do *enunciador entrevistador* e que poderá ser interpretada pelo destinatário (*coenunciador intérprete*) como *ethos validado* ou *ethos não-validado*. Assim, o presente trabalho se inscreve, então, como uma proposta que não pretendeu substituir ou negar as teorias anteriores, mas fazer deslocamentos teóricos.

A noção de *Ethos* e Cena Enunciativa nos trabalhos de Dominique Maingueneau

A noção de *ethos* discursivo como construção de uma imagem de si no discurso é pesquisada nos trabalhos de Maingueneau desde a década de 1980. A problemática que este professor de Ciências da Linguagem desenvolve visa articular corpo e discurso, indo além da oposição oral *versus* escrito. Sua perspectiva pode ser assim explicitada:

[...] algo da ordem da experiência sensível se opera no processo de comunicação verbal. A instância subjetiva que emerge da enunciação implica uma “voz”, associada a um “corpo enunciante” especificado sócio-historicamente: uma maneira de circular, uma disciplina tácita do corpo que o destinatário constrói apoiando-se num conjunto difuso de estereótipos, avaliados positiva ou negativamente. O discurso, através da leitura ou da audição, faz com que o destinatário partilhe de certo movimento do corpo, em um processo de “incorporação” que implica certo “mundo ético”, associado a comportamentos estereotípicos. Assim, o “conteúdo” do enunciado suscita adesão por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser (MAINGUENEAU, 2010, p. 80).

Para se alcançar este pensamento e possibilitar sua integração aos pressupostos da Análise do Discurso, Maingueneau (1997, p. 45) fez um duplo deslocamento na questão do *ethos* retórico. O primeiro refere-se ao fato de que o enunciador não possuiria intenções, pois ele não desempenha o papel de sua escolha em virtude dos efeitos que pretende produzir. Esses efeitos são impostos pela Formação Discursiva, não pelo sujeito. No segundo deslocamento, observa-se a ausência da oposição oral e escrita. Isso se deve ao fato de que mesmo os *corpora* escritos possuem uma oralidade, são dotados e sustentados por uma voz específica.

Esses deslocamentos são os fundamentos da concepção proposta por Maingueneau (1997; 2008a; 2010), assim, torna-se oportuno especificá-los com mais cuidado. À luz dos estudos feitos pelo referido autor, pode-se compreender que a noção de *ethos* concorda com algumas ideias advindas da Retórica de Aristóteles, sobretudo nestes três aspectos: a) por se constituir por meio do discurso, o *ethos* não é uma “imagem” do locutor exterior à fala, mas uma noção discursiva; b) é um processo interativo de influência sobre o outro; c) é uma noção sócio-discursiva que não pode ser apreendida fora de uma situação de comunicação precisa. O *ethos* é descrito como um dos elementos do sistema semântico global de uma dada formação discursiva e considera o contexto sócio-histórico como caráter que constitui e configura a existência de determinados *ethé*² em detrimento de outros.

Ao dissertar sobre suas concepções de *ethos*, Maingueneau (2008a, p. 64) assevera: “Minha perspectiva ultrapassa bastante o quadro da argumentação. Além de persuasão pelos argumentos, a noção de *ethos* permite refletir sobre o processo mais geral da *adesão* dos sujeitos a certo posicionamento.” O mesmo autor comenta ainda que a instância subjetiva (manifestada por meio do discurso) é concebida como uma *voz* e se associa a um *corpo enunciante*.

² Do grego, *ethé* indica plural de *ethos*.

Diferentemente do que assinalava a retórica, Maingueneau (2008a) relaciona a concepção de *ethos* à oralidade e também a textos escritos, uma vez que estes também possuem uma *vocalidade* própria que os ligam a uma caracterização do corpo do enunciador, “[...] a um 'fiador' que, por meio de seu 'tom', atesta o que é dito.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 64). Desta maneira, ele destaca que sua concepção de *ethos* é mais encarnada, porque, não obstante ela leve em consideração o verbal, também considera aspectos psíquicos e físicos relacionados ao *fiador*, atribuindo-lhe um *caráter* e uma *corporalidade*, sendo que o primeiro corresponde a um “[...] feixe de traços psicológicos” e o segundo é associado a uma “[...] compleição física e a uma forma de vestir” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 65).

Ainda sob o prisma da teoria elaborada por Maingueneau (2013, p. 73), fala-se de “incorporação” para designar a maneira pela qual os coenunciadores se relacionam ao *ethos* de um discurso, sendo que esta noção pode atuar em três pontos:

- A enunciação do texto confere uma corporalidade ao fiador, ela lhe dá um corpo.
- O coenunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de se relacionar com o mundo, habitando seu próprio corpo.
- Essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso.

Para que essa incorporação aconteça, o *ethos* pode ser construído no discurso de duas maneiras diferentes: ele pode ser dito ou mostrado. Conforme ensinado por Maingueneau (2008a), o *ethos* dito consiste em fragmentos de textos em que o enunciador evoca sua própria enunciação, enuncia sobre ele mesmo. Por outro lado, o *ethos* mostrado, considerado por Maingueneau (2008a; 2008b; 2010; 2013) como o verdadeiro *ethos* discursivo, é construído pelo coenunciador (destinatário) a partir de vestígios deixados na enunciação.

Debruçando-se sobre os estudos feitos por Maingueneau (2008a; 2008b; 2013), pode-se observar que ele possui uma forma muito particular de caracterizar o discurso: é um acontecimento inscrito sócio-historicamente que não pode ter seus conteúdos dissociados do modo de legitimação de sua cena enunciativa. Todo discurso pressupõe uma cena enunciativa para poder ser enunciado, todo *ethos* é parte constitutiva de uma cena da enunciação.

Ethos refletido, ethos validado e ethos discursivo: necessidade de ampliações teóricas?

Nos estudos feitos por Charaudeau (2008, p. 182), é declarado que “[...] o *ethos* não é mais construído pelo próprio político, mas a imagem de si resulta tanto de estratégias dele próprio, quanto da que lhe é atribuída pelo público, por boatos e pela mídia.” Baseando-se nesta proposição, Mesti (2010) realizou um trabalho no qual foi constatado que existem algumas situações em que a imagem construída do sujeito político não é legitimada por meio de seu próprio discurso, mas por outras pessoas que “testemunham” a seu favor.

No capítulo 5 do livro *Doze conceitos em Análise do Discurso*, Maingueneau (2010) escreve sobre o *ethos* e a apresentação de si que são engendrados nos *sites* de relacionamento. Ao analisar os anúncios publicados nesses sites, cujo objetivo do locutor é valorizar-se, Maingueneau (2010) explica que o *ethos* pode se manifestar em quatro planos diferentes: a) através do pseudônimo adotado pelo anunciante; b) como *ethos* dito – o anunciante diz e valoriza suas virtudes; c) como *ethos* mostrado – na enunciação é possível apreender dados que apontam para uma imagem de si; d) como *ethos* construído a partir das fotos do anunciante – que podem ser convergentes ou divergentes do *ethos* discursivo. Para esse autor, as fotos “[...] inevitavelmente levam o destinatário a construir um *ethos*”. (MAINGUENEAU, 2010, p. 84).

O conhecimento que está sendo constituído a partir desses estudos, a reflexão sobre o *ethos* discursivo e pré-discursivo, a observação do arquivo que compõe o *corpus* de análise deste artigo e as características específicas do gênero discursivo *entrevista televisiva* produziram muitas inquietações, sendo que a principal delas é: se o *ethos* pode ser legitimado extradiscursivamente (por sujeitos, por fotos), como seria o mecanismo discursivo que possibilitaria que o coenunciador “incorporasse” um *ethos* de uma presidenta a partir de uma imagem construída no enunciado realizado por outro enunciador – um jornalista – em uma entrevista televisiva?

Na busca de uma resposta para essa indagação, será apresentado o mecanismo discursivo do *ethos* efetivo elaborado por Maingueneau (2008a; 2008b; 2010). A partir da construção de um novo quadro teórico-metodológico do *ethos* discursivo, também será demonstrado que é necessário ampliar essa teoria. Acredita-se que essa necessidade de deslocamento, de ampliação, se justifica pelo fato de que em seus trabalhos, Maingueneau, na maioria das vezes, privilegiou a análise de textos escritos (propagandas publicitárias, pronunciamentos políticos, obras literárias, anúncios em sites de relacionamento). Como no

gênero entrevista televisiva há interação entre os atores da cena enunciativa, algumas coerções são impostas à própria cena e ao analista.

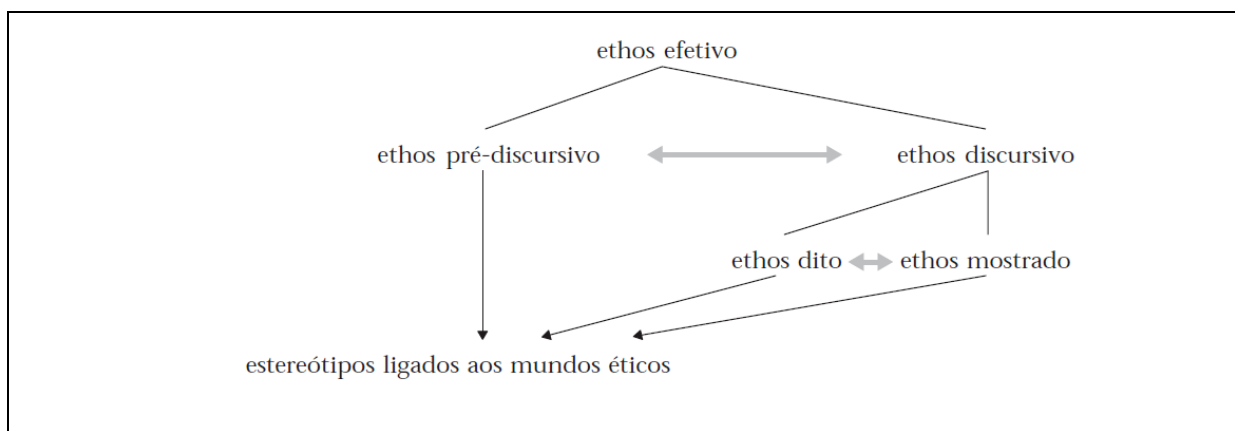


Figura 1. Mecanismo *ethos* efetivo de Maingueneau

Este esquema, apresentado em inúmeros artigos publicados pelo linguista Maingueneau (2008a; 2008b; 2010), é utilizado para ilustrar o mecanismo de incorporação do *ethos*, ou seja, como o intérprete (audiência ou leitor) se apropria desse *ethos*. O *ethos* efetivo seria o *ethos* que o intérprete (destinatário) incorporou, a imagem que foi assimilada, quando ocorreu a adesão ao discurso do enunciador. Este *ethos* é resultado da interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo e/ou discursivo; *ethos* dito e/ou mostrado, sendo que todos os *ethé* são submetidos aos estereótipos ligados aos mundos éticos. Como se trata de um mecanismo subjetivo, dependendo dos estereótipos ligados aos mundos éticos aos quais cada *coenunciador intérprete* pertence, a construção do *ethos* efetivo poderá ocorrer de maneiras diferentes e ter resultados diversificados.

A seguir será apresentada uma nova proposta teórico-metodológica do mecanismo discursivo de incorporação de *ethos*. As coerções impostas pelo gênero entrevista televisivas mostraram que era preciso fazer deslocamentos para poder analisar adequadamente o mecanismo discursivo de cenas enunciativas com interação, por isso os pressupostos teóricos difundidos nos trabalhos de Maingueneau (2008a; 2008b; 2010) são a base para esta outra abordagem. As imagens construídas na enunciação são produzidas por dois sujeitos diferentes – entrevistador e entrevistado – sendo que cada um produz uma imagem de si e também do outro, interferindo no modo de incorporação do *ethos* por parte do *coenunciador intérprete*.

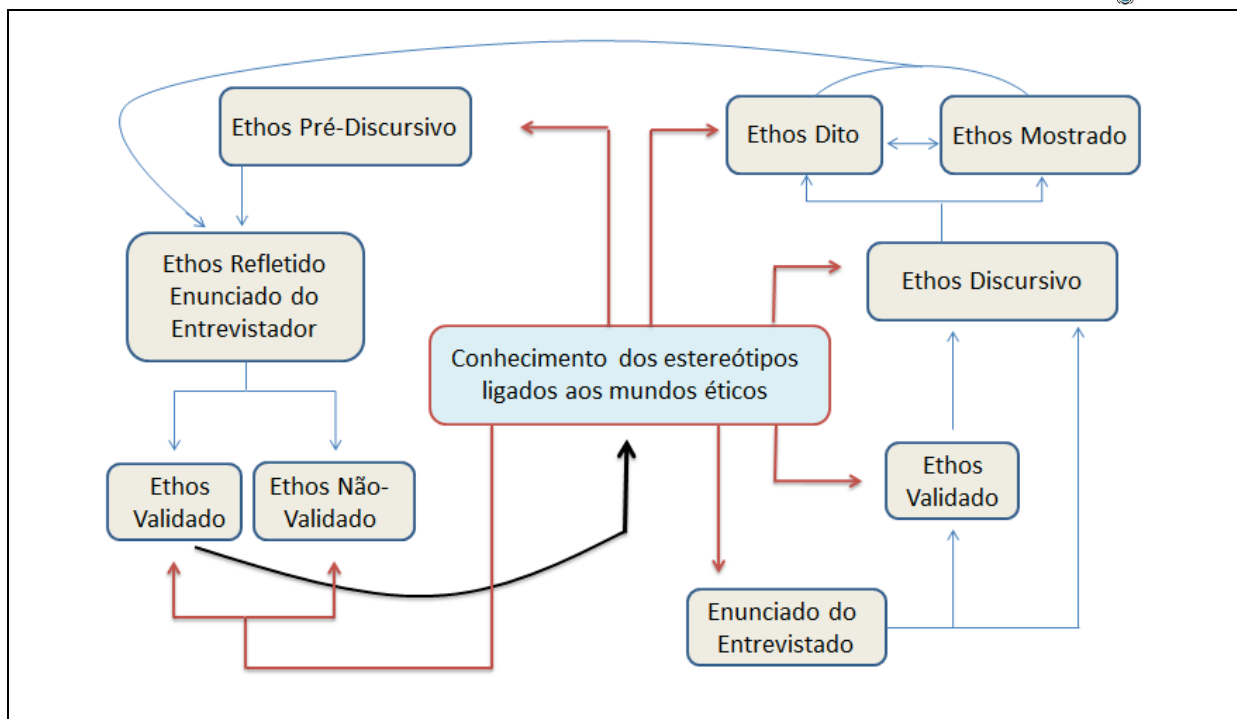


Figura 2. Mecanismo discursivo de incorporação de *ethos refletido*

Pela figura, pode-se notar que o processo de incorporação de *ethos* produzidos em cenas enunciativas reais, validadas e interativas é complexo, circular e deve ser lido no sentido anti-horário. Seu início, sua base, é o conhecimento dos estereótipos ligados aos mundos éticos que o *enunciador entrevistador*, o *enunciador entrevistado* e o *coenunciador intérprete* possuem.

Pensando-se que as entrevistas televisivas são caracterizadas por perguntas e respostas, onde cada enunciador possui seu papel e seu momento de fala, a análise do *ethos* começa pelo enunciado que o entrevistador produz, da questão que ele faz ao seu entrevistado. Para se fazer uma pergunta, é necessário que se tenham algumas informações sobre o entrevistado (profissionais e/ou pessoais). Assim, atrelado aos estereótipos, o *enunciador entrevistador* já tem incorporado um *ethos* pré-discursivo do entrevistado e, muitas vezes, essa imagem prévia transparece em seu enunciado. O *coenunciador intérprete*, ao se deparar com este enunciado, com a pergunta feita pelo entrevistador, recebe uma imagem já construída. É o que se chama aqui de *ethos refletido*. Essa denominação deve-se ao fato de que não é a imagem real do sujeito político – entrevistado – mas uma imagem que reflete a visão do entrevistador (enunciador) sobre o entrevistado, uma representação do real.

Esse *ethos refletido* será incorporado pelo *coenunciador intérprete* e poderá ser tomado como *ethos validado* ou *ethos não-validado*, dependendo do conhecimento prévio que ele possuir do sujeito político em questão. Será considerado *ethos validado* quando o

coenunciador intérprete aderir ao *ethos refletido* produzido pelo *enunciador entrevistador*; e *ethos não-validado*, quando não houver essa adesão, quando o *coenunciador intérprete* não concordar e/ou não aceitar a imagem refletida no enunciado do entrevistador. O *ethos validado* torna-se responsável por modificar (positiva ou negativamente) o conhecimento do *coenunciador intérprete* sobre os mundos éticos, podendo alterar futuramente a incorporação do *ethos efetivo* produzido a partir dos discursos do sujeito político (*enunciador entrevistado*). O *ethos não-validado* não apresentará nenhum efeito, uma vez que não foi aderido.

Quando ocorre a mudança de turno, quando chega o momento em que o sujeito político toma a palavra, tornando-se enunciador, resta ao *coenunciador intérprete* interpretar novamente; e neste momento dois caminhos serão possíveis: ter acesso direto ao *ethos* discursivo – que poderá ser classificado como *dito* ou *mostrado*, como postulou Maingueneau (2008a; 2008b; 2010) – ou resgatar o *ethos validado*, incorporado a partir do enunciado do entrevistador, para ser acrescentado no *ethos discursivo* proveniente do discurso do sujeito político. A diferença aqui é que quando a incorporação do *ethos discursivo* (independente dele ser dito ou mostrado) se dá via *ethos validado*, a imagem construída do sujeito político pelo *coenunciador intérprete* poderá ser comparada ao *ethos refletido* engendrado no discurso do *enunciador entrevistador*, assim, o *coenunciador intérprete* terá a oportunidade de pensar sobre as semelhanças e dissemelhanças dos tipos de *ethé* que cada enunciador (entrevistador ou entrevistado) apresentou.

Com a finalidade de demonstrar como esse mecanismo funciona na prática, serão apresentados alguns exemplos de análises que facilitarão a demonstração do processo e, provavelmente, trarão mais algumas inquietações teóricas e metodológicas.

Dispositivo Analítico: aplicação da nova proposta

A proposta do projeto de doutorado é trabalhar com 60 entrevistas televisivas realizadas com as três presidentas sul-americanas. Para este artigo, optou-se por fazer um recorte e usar como *corpus* de análise apenas três entrevistas televisivas realizadas após a vitória dessas presidentas nas urnas. Como os objetivos do projeto de doutorado são diferentes das finalidades deste texto, não foram abordadas questões históricas de cada país, questões sócio-históricas sobre o papel da mulher na política, nem mesmo a questão do *ethos* feminino, tema central do projeto.

Feitas essas ressalvas, deve-se retomar que é no interior da cena enunciativa que emergem os *ethé* discursivos. Seguindo a nomenclatura proposta por Charaudeau (2008), as

figuras identitárias do sujeito político agrupam-se basicamente em duas tipologias: a) os *ethé* de credibilidade – que resultam da construção de uma identidade discursiva que faz com que os outros o julguem digno de crédito, sendo necessário para isso que ele atenda às condições de sinceridade (pelo *ethos* de sério), performance (pelo *ethos* de virtuoso) e competência (pelo *ethos* de competente); b) os *ethé* de identificação – resultantes de uma alquimia complexa feita de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais, traços em que são agrupadas imagens que refletem, definem e essencializam os políticos enquanto pessoas (*ethos* de potência, de caráter, de inteligência e de humanidade). Cabe sublinhar que embora este artigo incorpore à tipologia de *ethos* proposta por Charaudeau, a visão retórico-pragmática que este autor dispensa a tal conceito não é aqui compartilhada. Desta forma, serão apresentados exemplos cujos enunciados produzidos pelos enunciadore entrevistadore possibilitaram a produção de *ethé refletidos* tanto de credibilidade, quanto de identificação.

Em entrevista televisiva com a presidenta Michelle Bachelet, o entrevistador Daniel Filmus, ao lembrar a questão da ditadura, faz a seguinte pergunta:

- (1) Tem uma frase sua que se refere à Argentina, que é ‘não tenho nenhuma responsabilidade pelo o que se passou naquele momento, mas tenho responsabilidade para que não se repita’. Me ‘apartou’ muitíssimo essa frase. O que temos que fazer para que não se repita?

Pode-se dizer que neste enunciado transparece uma imagem da presidenta Bachelet que não foi produzida em seu próprio enunciado, mas no enunciado do entrevistador. É baseando-se em seu conhecimento dos estereótipos ligados aos mundos éticos e ao *ethos* pré-discursivo que o jornalista possuía da entrevistada que se pôde engendrar um *ethos refletido de credibilidade* que se reporta ao ***ethos de virtuoso***. Desta maneira, o *coenunciador intérprete*, ao ver/ouvir este enunciado irá se deparar com uma imagem construída / refletida da presidenta. Imagem que ele poderá incorporar, transformando-a em *ethos validado*, ou, ao rejeitá-la, em *ethos não-validado*.

No enunciado proferido pelo *enunciador entrevistador* pode ser observado o *ethos* de virtuoso devido ao fato de que as imagens de virtude são construídas com o tempo, com a realidade, circunstâncias que revelam que não basta parecer, é preciso ser sincero, honesto, virtuoso. Mostrando-se conhecedor da trajetória da entrevistada, o *enunciador entrevistador* legitima o *ethos* de virtuoso da presidenta quando destaca que ela reconheceu erros anteriores e assumiu para si a responsabilidade para que esses erros não se repitam. A

partir do momento que a entrevistada responde à pergunta feita, o *coenunciador intérprete* após ter incorporado o *ethos refletido* como *ethos validado* ou *não-validado*, torna-se apto para incorporar o *ethos* discursivo do *enunciador entrevistado*, podendo, posteriormente, compará-lo ao *ethos refletido* presente no enunciado do entrevistador³.

Diferentemente da pergunta feita à Bachelet, na questão direcionada a Cristina Kirchner, pode-se observar a existência de um *ethos refletido de identificação*, mais especificamente, o ***ethos de potência*** na questão formulada pelo *enunciador entrevistador*:

- (2) E de onde vem toda a fonte de energia para, apesar de sozinha, consolidar as recentes conquistas profissionais?

Mesmo se referindo à competência da presidenta, revelando o *ethos* pré-discursivo que o *enunciador entrevistador* possui da entrevistada, neste enunciado é a questão da potência que prevalece. Segundo Charaudeau (2008, p. 139), o *ethos* de potência é frequentemente relacionado ao sexo masculino porque nele são verificadas as proezas físicas pessoais por meio de comícios que exaltam a força, pela apresentação de si em voz altiva e palavras fortes. Nesta perspectiva, esse *ethos* é usado para transmitir a imagem de que não se é “[...] apenas um homem de palavra, mas também de ação”. Desta maneira, ao retratar as ações bem sucedidas da presidenta Kirchner, o *enunciador entrevistador* deixa transparecer em seu enunciado esse *ethos refletido* de potência⁴.

Retomando o mecanismo discursivo de incorporação de *ethos refletido*, essa análise pode ser finalizada ao se explicar que a partir desse *ethos refletido* de identificação que marca a presença do *ethos* de potência legitimado pelo *enunciador entrevistador*, o *coenunciador intérprete* poderá incorporá-lo ou não, tornando-o um *ethos validado* ou *não-validado*. O restante do processo acontecerá posteriormente ao enunciado produzido pelo *enunciador entrevistado* (presidenta Cristina Kirchner).

O que é possível observar nesses dois exemplos e que parece ser recorrente neste mecanismo de incorporação de *ethos refletido* é que enquanto no *ethos discursivo* – proposto primeiramente por Ducrot (1984) e refinado por Maingueneau (1997; 2001; 2008a;

³ Devido às limitações espaciais deste artigo, o mecanismo de incorporação de *ethos* refletido será privilegiado. Em outras palavras, o investimento analítico será feito sobre as perguntas dos enunciadores entrevistadores. Apenas o exemplo da presidenta Dilma Rousseff terá seu processo discursivo completamente analisado.

⁴ Pode-se ainda pensar que se este é um *ethos* tipicamente masculino, o deslocamento feito para ser usado na construção da imagem que tem como referente uma mulher, aponta para mecanismos que deverão ser observados quando da análise do arquivo da tese que irão auxiliar a responder a questão de pesquisa: existiria um *ethos* tipicamente feminino?

2008b; 2010) – a imagem construída pelo destinatário se refere ao enunciador, ao locutor L; no *ethos refletido* a imagem é construída pelo *enunciador entrevistador* e se refere ao locutor lambda. Ou seja, o *ethos discursivo* não deve ser compreendido como os atributos reais do locutor, ainda que seja associado a ele, é uma imagem construída no/pelo discurso. Em contra partida, no *ethos refletido* é possível observar que, devido ao fato dele se originar no *ethos* pré-discursivo que o *enunciador entrevistador* tem do *enunciador entrevistado*, a imagem que é construída reflete as ações, a personalidade, os acontecimentos ocorridos com o entrevistado no mundo real. Assim, é sobre o locutor lambda, o locutor enquanto ser no mundo, que o *ethos refletido* é construído no discurso do *enunciador entrevistador*. Este apontamento diferencia ainda mais os processos de incorporação do *ethos discursivo* e do *ethos refletido*, tornando-o uma possibilidade de ampliação teórica.

Por se tratar de um *ethos refletido* construído pelo *enunciador entrevistador* e que produziu efeitos de sentido negativos fazendo com que o *enunciador entrevistado* reconstruísse outro *ethos discursivo* para si, será apresentada a análise completa do mecanismo de incorporação de *ethos* encontrado na entrevista feita com a presidenta Dilma Rousseff. O *enunciador entrevistador* faz a seguinte pergunta para a referida presidenta:

- (3) Presidente, ontem eu acompanhei o primeiro discurso da senhora depois de eleita, houve um momento em que a senhora se emocionou muito, a voz ficou embargada, todos achavam que a senhora choraria quando falou do presidente Lula, quando agradeceu ao presidente. Se despedir do presidente Lula vai ser o momento mais difícil da transição? E como vai ser, exatamente, a participação do Lula no seu governo, já que a senhora disse que vai estar sempre batendo às portas dele?⁵

Nesta questão é possível observar que o *enunciador entrevistador* parte do imaginário social que caracteriza a mulher como um ser frágil, sensível e que chora. Ao enunciar que a presidente não chorou, o *enunciador entrevistador* incorpora em seu enunciado um *ethos refletido negativo*, um *ethos de insensível*, pois onde estaria, neste caso, a sensibilidade feminina quando todos (os cidadãos, a mídia) imaginavam que a presidente choraria ao agradecer o apoio do presidente Lula? A partir deste *ethos refletido* negativo, a imagem de insensível poderá ser incorporada ao *ethos validado* produzido pelo *coenunciador intérprete*, ou poderá simplesmente não ser validada, dependendo do *ethos* pré-discursivo que ele tiver do sujeito político Dilma Rousseff. Nota-se aqui, que o *ethos*

⁵ Outra questão que poderá ser tratada futuramente é o silenciamento presente nas respostas dos enunciadores entrevistados. Por que algumas perguntas são respondidas e outras silenciadas? Quais efeitos esses silenciamentos podem produzir? Certamente são inquietações que farão parte de futuras análises deste trabalho.

refletido mais uma vez refere-se ao locutor lambda, ao ser empírico.

Na continuação do processo discursivo de incorporação de *ethos*, pode-se afirmar que a resposta dada pelo *enunciador entrevistado* autoriza a afirmação de que se teria construído uma imagem negativa desta mulher pública:

- (4) Olha, Adriana, eu acho que “ocê” conseguiu captar bem essa situação. É de fato um momento assim muito emocionante. Ontem eu não fiquei só com a voz embargada, não. Eu não soluzei, mas eu chorei. A gente chora às vezes pra dentro e um pouco pra fora. Eu chorei para os dois lados ontem. Eu acredito que vai ser um momento, ao mesmo tempo, um momento alegre e, e um momento triste, porque os grandes momentos têm essa capacidade de misturar dois sentimentos, e dois sentimentos fortes, né. Eu vou ficar muito alegre por estar assumindo a presidência do país, mas ao mesmo tempo muito triste porque é a despedida do presidente Lula, com quem eu tive uma, um, um, um desafio imenso e uma eu acho, muitas realizações. Então, ao longo dos últimos oito anos, lado a lado do presidente, né, várias conquistas e várias realizações nós conseguimos juntos. Pra mim vai ser um momento é de muita emoção.

A partir do enunciado proferido pelo *enunciador entrevistado*, o *coenunciador intérprete* poderá seguir dois caminhos: a) incorporar diretamente o *ethos* discursivo; b) retomar o *ethos validado* para, em seguida, incorporar o *ethos* discursivo. No primeiro caso, parte-se simplesmente do enunciado do *enunciador entrevistado* que transparece um *ethos dito* – ao comentar a ação de chorar – e um *ethos mostrado* – ao engendrar um ***ethos de inteligência***. Este *ethos* é construído no dizer e é responsável por provocar a admiração e o respeito do auditório pelos sujeitos políticos que demonstrem possuí-lo. Segundo Charaudeau (2008, p. 145), no *ethos* de inteligência, duas figuras podem aparecer: a de *homem culto* e a de *homem astuto*⁶. No exemplo aqui analisado, observa-se a figura de pessoa astuta, pois transparece o jogo entre o *ser* e o *parecer* ao explicar que às vezes as pessoas choram por dentro e por fora. Após a possível incorporação deste *ethos discursivo*, por se tratar de um gênero interativo no qual o *coenunciador intérprete* tem acesso aos enunciados dos dois enunciadores, possivelmente ele irá reflexões e comparar o *ethos* discursivo de inteligência incorporado por ele com o *ethos refletido* negativo de insensibilidade presente no enunciado do *enunciador entrevistado*.

Na outra possibilidade de processo de incorporação de *ethos*, ao retomar o *ethos validado*, o *coenunciador intérprete* parte do pressuposto de que o *enunciador entrevistado*

⁶ Observa-se aqui como os pressupostos teóricos podem ser considerados machistas. Por que “homem culto” e não “pessoa culta”? Acredita-se que ao se analisar o discurso político cujos atores principais são mulheres muitos deslocamentos teóricos deverão ser realizados.

possui uma imagem negativa, um *ethos* de insensível. Ao se deparar com o enunciado proferido pelo *enunciador entrevistado* e observar o *ethos* discursivo de identificação, *ethos* de inteligência, de pessoa astuta que tenta reverter a situação negativa inicial com o objetivo de legitimar o estereótipo de que mulher chora, e, portanto, ela é mulher – “Ontem eu não fiquei só com a voz embargada, não. Eu não soluzei, mas eu chorei” – o *coenunciador intérprete* é levado a incorporar este outro *ethos*. Ao comparar o *ethos* discursivo e o *ethos refletido*, possivelmente ele perceberá que se trata de imagens opostas. Não é possível saber qual dessas duas imagens será aderida pelo *coenunciador intérprete*, uma vez que cada indivíduo possui conhecimentos distintos sobre os estereótipos pertencentes os mundos éticos. O que se pode notar é que uma imagem – *ethos refletido* – se refere à perspectiva que o *enunciador entrevistador* tem do sujeito político que participa da entrevista; a outra imagem – *ethos discursivo* – é aquela que foi apreendida pelo *coenunciador intérprete* a partir de um enunciado produzido pelo *enunciador entrevistado*, portanto, uma imagem do locutor L, e não do ser empírico. Por serem imagens construídas de maneiras diferentes é que elas podem coexistir.

Considerações finais

A apresentação das análises que utilizam como dispositivo analítico os conceitos e os deslocamentos teóricos desenvolvidos neste artigo puderam contribuir para que o objetivo desse texto fosse alcançado. Com essas análises foi possível demonstrar o mecanismo discursivo que possibilita que o *coenunciador intérprete* incorpore um *ethos validado* de uma presidenta a partir de uma imagem construída no enunciado realizado por outro *enunciador entrevistador*, denominado aqui de *ethos refletido*.

Acredita-se que uma das contribuições teóricas deste texto refere-se à diferenciação feita entre *ethos refletido* e *ethos discursivo*, sendo que o primeiro legitima a imagem do locutor lambda e o segundo, a do locutor L. Sobre essa distinção entre os *ethé*, vale destacar que nos dois primeiros exemplos (das presidentas Michelle Bachelet e Cristina Kirchner) apontam para imagens convergentes, ou seja, provavelmente, se fossem feitas análises do processo discursivo completo (a pergunta do entrevistador e a resposta da entrevistada), o *ethos refletido* e o *ethos discursivo* seriam parecidos, fato que possibilitaria saber qual imagem seria aderida pelo *coenunciador intérprete*. Por outro lado, no exemplo da entrevista com a presidenta do Brasil, isso não seria possível por se tratar de imagens opostas, *ethos divergentes*. Em outras palavras, o fato de se ter um *ethos refletido negativo* produzido no

discurso do *enunciador entrevistador* e um *ethos discursivo positivo*, um *ethos* de inteligência, presente no discurso do *enunciador entrevistado*, faz com que, dependendo do conhecimento dos estereótipos pertencentes aos mundos éticos que cada *coenunciador intérprete* possua, a adesão seja diferente, podendo o *coenunciador intérprete* preferir uma ou outra imagem. O analista, nesses casos de *ethos divergente*, não pode prever qual *ethos* será incorporado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. Tradução Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997, p. 29-52.

_____. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Cenas da enunciação*. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008a, p. 55- 73.

_____. A propósito do *Ethos*. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008b, p. 11-32.

_____. *Doze conceitos em análise do discurso*. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Org.). Tradução de Adail Sobral (et al.). São Paulo, Parábola Editorial, 2010.

_____. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 69-92.

MESTI, P.C. *Análise discursiva dos éthé de um sujeito político em campanha eleitoral*. Maringá: UEM, 2010, 149f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2010.